

Diário de bordo

Um sonhador vitorioso



Roberto Rodrigues*

N O CONGRESSO da Abag deste ano, o homenageado foi o fundador da Jacto, Shunji Nishimura.

A vida e a trajetória desse homem extraordinário é uma viagem iluminada por sua perseverança, pela confiança em si mesmo e na humanidade, pela esperança no futuro melhor, pela honestidade, pela fé no trabalho, pelas virtudes da justiça, do amor ao próximo, da lealdade.

Quando em 1932, aos 22 anos, embarcou para o Brasil, só tinha uma certeza: ia para o desconhecido, com um diploma de técnico em mecânica e 100 dólares no bolso. Mas, decidido a vencer, essa determinação era muito mais poderosa que a tristeza da despedida.

Dotado de temperamento agitado e inquieto, sempre procurando avançar, o jovem Nishimura trabalhou como braçal em uma fazenda de café, em Botucatu. No trabalho duro, ganhou força física e saúde, mas logo viu que não era assim que viveria, e rumou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como garçom na residência de abastados estrangeiros. Nas horas de folga, cuidava do jardim sem que lhe pedissem, e cunhou, então, uma das suas frases célebres: “Se um homem deseja sobreviver, deve trabalhar 8 horas por dia. Mas se deseja aprender, prosperar e crescer, deve trabalhar mais 8 horas por si próprio”. Aí está sua marca registrada.

De volta a São Paulo, empregou-se como soldador numa fábrica, mas, logo depois e casado, foi para Pompéia, onde acabava a estrada de ferro, e montou sua própria oficina, com um cartaz desafiador: “Conserta-se tudo”.

A partir daí, com criatividade, extrema boa vontade em servir quem o procurava, trabalhando duro, foi construindo com solidez um nome honrado, admirado, respeitado e amado. Melhorou a oficina com a compra de torno, solda elétrica e, aos poucos, ia aperfeiçoando seus conhecimentos em máquinas.

Em 1949 fabricou sua primeira polvilhadeira costal. Vendeu várias, mas ainda não tinham qualidade e quebravam com frequência. Nishimura arrumava tudo de graça, trocava peças e sua reputação de seriedade crescia mais.

Daí para a frente, todos conhecem sua história: veio a fábrica Jacto, que superou dificuldades enormes e se firmou como uma das melhores do País.

Nishimura, sua mulher e seus filhos nunca desistiram diante das crises.

Em 1979 colocou no mercado uma colhedeira de café, e então Nishimura consolidou sua filosofia: “De braço dado com o Agricultor, lutar pelo desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira”.

Vitorioso em suas lutas, deu passos significativos na direção da formação de recursos humanos para a agricultura. E a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia se transformou em fazenda-escola modelo.

Esse homem extraordinário, exemplo a ser seguido em todos os campos pelos quais enveredou, inteligente e lutador, tem também uma alma suave, e, dentre suas frases sempre lembradas, há um poema que mostra com clareza seu desprendimento.

“E no silêncio das horas
Canta um pássaro contente
Sem se importar se alguém o ouve
Ou se ninguém está presente” ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

O desafio do amanhã



Cesário Ramalho da Silva*

A SAÍDA dos fundos de investimentos dos mercados agrícolas futuros acendeu o sinal vermelho para o produtor rural brasileiro, que se prepara para iniciar o plantio da safra de verão. As cotações das *commodities*, que estavam inflacionadas pela ação especulativa dos fundos, recuaram significativamente. Na Bolsa de Chicago, onde são formados os preços internacionais dos principais produtos agrícolas, os valores dos grãos despencaram.

Há pouco mais de um ano, com a crise das hipotecas nos EUA, recursos de investidores de maneira geral foram aplicados nos contratos futuros de *commodities*. Porém, em algum momento esses contratos seriam liquidados, o que está acontecendo agora, provocando desvalorização dos papéis. O produtor não tem condições de jogar de igual para igual com os agentes especuladores do mercado financeiro. A volatilidade é tanta que chega a inviabilizar operações de *hedge*.

Soma-se a isso o descasamento entre custos de produção em alta, especialmente dos fertilizantes – que subiram mais de 80% e de que somos dependentes de importações –, e a valorização do real ante o dólar, para que o cenário de preços baixos se torne mais concreto, trazendo fortes preocupações para o produtor. É um momento delicado para a agricultura.

O produtor está apreensivo, pois os custos se mostram incompatíveis com as perspec-

tivas de retorno. As contas não vão fechar. A hora é de cautela. Caso a queda das cotações se acentue, o próximo ciclo de produção estará seriamente comprometido. Se o quadro se agravar, o produtor será obrigado a reduzir o plantio, investir menos em tecnologia, o que será prejudicial a todos, atingindo em cheio o consumidor.

Em um primeiro momento pode parecer o contrário, haja vista que os preços dos alimentos recuam com a baixa das *commodities*, favorecendo o controle da inflação. Entretanto, isso só acontecerá, por um período restrito, e ainda assim se o setor varejista promover ajustes nos preços. Mesmo assim, com a quebra de safra, a tendência é que os preços aumentem no ano que vem.

O fato é que a agricultura brasileira pode voltar aos tempos de crise vividos recentemente, em razão de problemas de dentro e de fora do segmento, que deixaram de ser resolvidos. De nada adiantam desenvolvimento tecnológico, avanços em produtividade, diversificação e adição de valor à produção se graves deficiências permanecem sem solução, principalmente o frágil controle sanitário e uma infraestrutura deficiente, como destacou Pedro de Camargo Neto em recente entrevista às páginas amarelas da revista *Veja*.

Além disso, o fardo dos impostos, os juros elevados, a ausência de um seguro rural efetivo, uma renegociação de dívidas que nunca tem fim, bem como uma legislação trabalhista que ignora particularidades do trabalho rural e uma legislação ambiental complexa, burocrática e equivocada, que, em vez de conciliar desenvolvimento e conservação, pune o setor produtivo são alguns dos outros vilões que perseguem o produtor.

Os desafios são cada vez maiores. A Sociedade Rural Brasileira reitera o convite para que as lideranças rurais do País avancem em direção a um discurso uniforme e a ações coesas, em favor do produtor rural, do agronegócio e do Brasil. ■

Opinião

Carne com grife



João Sampaio*

HOUVE RECORDE na receita das exportações da carne bovina de janeiro a julho deste ano, com US\$ 2,42 bilhões, apesar do recuo no volume vendido, de 734 mil toneladas, contra 923,2 mil toneladas no mesmo período do ano passado. A performance não reproduz somente o aumento de preços da carne bovina. Como a defasagem cambial mataria qualquer vantagem nas vendas externas, as cifras evidenciam um trabalho da indústria frigorífica, baseado em sanidade, qualidade e marca da carne brasileira.

Carnes especiais, cortes diferenciados, embalagens adequadas e marcas próprias fazem a diferença na hora da venda. A indústria brasileira internacionaliza-se e conta com unidades espalhadas pelo mundo. A aquisição de grandes processadoras pelos frigoríficos, a diversidade de produtos com nome próprio e abertura de capital no mercado de ações são manifestações do apetite do Brasil.

Entretanto, toda a evolução da indústria frigorífica fica inviável se o pecuarista não for convidado para o almoço conjunto. Quando convidado a participar ativamente do setor, este terá de adotar procedimentos condizentes com a marca do produto e a demanda do consumidor final.

Pesquisas científicas mostram que de 8% a 10% da mortandade de animais dentro das propriedades ocorrem devido

aos erros de manejo sanitário na remoção de cadáveres das pastagens, no uso de medicamentos/produtos impróprios e no descumprimento do calendário de vacinação. São procedimentos elementares ainda não adotados por todos, por desinformação do pecuarista ou pela simples falta de protocolos sanitários, muitos dos quais o Brasil ainda não tem.

Nos restaurantes europeus é comum o freguês saber, por meio do menu, a marca e a fazenda de origem do filé a ser servido – é uma grife. Nos Estados Unidos, o código de barras nas embalagens de carne bovina nos supermercados permite que ela seja rastreada até a localização do médico veterinário que atestou a sua sanidade. O pragmatismo norte-americano e a eficiência do *marketing* na Europa parecem simplistas aos olhos brasileiros.

Para alcançarmos tais sanidade, qualidade e *marketing* os nossos produtos têm de levar à adoção de boas práticas. A cadeia produtiva da carne bovina terá que atuar em conjunto no uso desses conceitos. O novo modelo de defesa agropecuária, que propusemos em São Paulo, irá trabalhar as boas práticas com treinamento de mão-de-obra nas propriedades, padronização dos procedimentos e informatização dos registros nos órgãos de defesa agropecuária feitos pelo produtor de forma declaratória, tal qual uma declaração de imposto de renda.

Ninguém declara errado o seu imposto de renda, e quando o faz, é rastreado. Por quê? Porque os protocolos e procedimentos estão definidos, a aferição de falha está totalmente informatizada, e porque existe um carimbo de conformidade ou de não-conformidade, que você carrega e pode destruir a sua reputação e impossibilitá-lo de atuar no sistema produtivo. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo